

Candidatos criticam método

O desejo de entrar para o serviço público conseguiu, ontem, produzir uma das maiores concentrações de jornalistas a que o País já assistiu. Cerca de 600 profissionais de imprensa prestaram a primeira prova organizada pela UnB para selecionar 10 jornalistas que poderão ser contratados pelo Senado Federal. "Foi uma afluência de dar inveja no sindicato da categoria", observavam veteranos militantes da mobilização sindical em inúmeras campanhas salariais dos jornalistas de Brasília.

Um acontecimento tão raro, como não poderia deixar de acontecer, produziu um folclore muito rico em manifestações e comportamentos. A única unanimidade presente era o reconhecimento de que o concurso público é a forma mais democrática, justa e transparente, para selecionar servidores do Executivo, Legislativo e Judiciário. A organização do concurso para os jornalistas, no entanto, sofreu muitas críticas por começar a seleção com uma prova teórica, acadêmica e eliminatória. Nesse quadro, jornalistas recém-formados pelas faculdades de comunicação tinham melhores condições que experientes profissionais de imprensa, no manuseio da extensa bibliografia exigida.

CARAVANAS

Em busca de um emprego estável, com remuneração inicial acima das médias pagas pelo mercado aos jornalistas sem maior experiência, chegaram a Brasília verdadeiras "caravanas" de candidatos. Os estados do Nordeste e do Sul pontearam no envio de aspirantes.

No Campus da Universidade de Brasília, ontem pela manhã, esses "estrangeiros" formavam pequenos grupos, ao lado dos grupos de jovens recém-formados pelas faculdades de comunicação do Distrito Federal. Uns e outros traziam livros, anotações, resumos e o nervosismo dos candidatos a vestibulares.

Impecável, dona absoluta da situação nos amplos anfiteatros em que os jornalistas foram distribuídos para a prova, a burocracia e o ritual dos testes mecânicos (leitura e escolha de alternativas) apenas aumentavam o constrangimento visível dos jornalistas veteranos.

Editores de jornais, repórteres especiais, profissionais experientes em importantes coberturas nacionais e internacionais, homens e mulheres com muitos anos de trabalho na apuração e redação de notícias, atividades de "copy" e revisão, edição e fechamento de jornais, nas mídias impressa e eletrônica, estavam ali, às voltas com as alternativas propostas para 12 questões, cada uma com sete itens.

Foi com perplexidade que muitos desses jornalistas encararam a maior parte da prova. Teria um determinado poeta inglês pronunciado tal ou qual frase, em 1644? E o primeiro jornal do País (o CORREIO BRAZILIENSE), teria sido fundado na França? E, afinal, quais foram as reações de um grupo de trabalhadores diante do "Jornal Nacional", da Rede Globo de Televisão, ao longo de uma pesquisa feita em São Paulo, num trabalho acadêmico? No melhor estilo dos cursinhos para vestibulares, muitas dessas questões tinham suas "pegadas" para avaliarem os que de fato tinham consumido a bibliografia. O CORREIO BRZILIENSE, por exemplo, não foi fundado na França, mas em Londres.

FOLCLORE

O folclore desse concurso para jornalista do Senado termina sua primeira prova com um saldo definitivamente alentador. Dentro e fora das salas de teste, antes mesmo do dia da prova, por parte dos candidatos e dos responsáveis pelo concurso, enfim, as contribuições ao folclore memorialístico foram expressivas.

Jornalistas foram demitidos de seus empregos, apenas porque pretendiam fazer a prova. Algumas centenas de profissionais recém-formados davam um ar juvenil ao teste e transformavam em "ilhas" os jornalistas mais veteranos que se distribuían pelos bancos escolares. Sotaques os mais variados revelava as caravanas de aspirantes que chegaram de vários pontos do País.

obrigado a distribuir uma nota entre os candidatos, tentando justificar a prova teórica, eliminatória e em forma de teste. O professor Lauro Morhy, diretor da Diretoria de Acesso ao Ensino Superior da UnB, admite que "as estruturas montadas para os concursos a rigor são geralmente improvisadas sob todos os aspectos". Ele ressalta, por outro lado, que a UnB é uma das raras instituições brasileiras que ainda consegue fazer um concurso com um nível aceitável de competência.

Mas o professor reconhece que "há os que conseguem corromper pessoas envolvidas na elaboração ou reprografia das provas e até em outros níveis, em profundo desrespeito a tudo e a todos". Foi uma observação franca e corajosa, colocada em sentido absolutamente teórico na nota distribuída, mas que não passou despercebida aos muitos candidatos que procuravam identificar na multidão os três professores do Departamento de Comunicação da UnB que também se inscreveram no concurso.